



ANÁLISE DA PEÇA BUMM: INTERDIÇÃO E MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE

FRONZA, Juliana Lomba
COSTA, Francielly Blitzkow
FERRANTE, Fernanda Gaberlini de (Orientadora)

Resumo

Este trabalho tem como intuito compreender a interdição e a manifestação da sexualidade através de fragmentos das falas das personagens da peça “BUMM”. A fim de identificar suas formas de expressão de acordo com as manifestações e interdições, tomando como pressuposições teóricas elementos da história da sexualidade, além da identificação das demonstrações, bem como relacionar maneiras de manifestações com a transgressão e a interdição. A metodologia utilizada foi à análise de passagens da peça BUMM, a partir de uma revisão teórica baseada em pesquisa em textos, artigos e livros sobre gênero e sexualidade. Considera-se que as expressões da sexualidade estão ligadas a cultura, a religião e ao prazer. Atualmente a sexualidade tem relação direta com o amor, sendo que este é uma construção cultural. Estudar sexualidade é de grande relevância para a sociedade, pois ainda existem mitos e tabus, pois geralmente é reduzida ao sexo, gerando incomodo nas pessoas.

Palavras-chave: interdição; manifestação; sexualidade.

Abstract

This work has the aim to understand the ban and the manifestation of sexuality through fragments of the speeches of the characters of the play "BUMM". In order to identify their forms of expression according to the demonstrations and bans on theoretical assumptions story elements of sexuality, in addition to identifying the demonstrations, as well as relate ways of demonstrations with the transgression and the ban. The methodology used was the analysis of passages of play BUMM, from a theoretical review research based on texts, articles and books about gender and sexuality. It is considered that the expressions of sexuality are linked to culture, religion and the pleasure. Currently sexuality has a direct relation with the love, being that this is a cultural construction. Studying sexuality is of great importance to society, because there are still myths and taboos, because usually is reduced to sex, creating nuisance in people.

Keywords: interdiction; manifestation; sexuality.

INTRODUÇÃO

Apesar de o mundo ter evoluído em diferentes aspectos, a sexualidade ainda é um campo envolto em preconceitos e julgamentos, frente as suas manifestações e interdições.

De acordo com Bearzoti (1993) sexualidade é vista como um tabu na sociedade, sofrendo diversas tentativas de reducionismo, ou seja, colocando-a apenas como genital e reprodutiva. É um assunto complexo, controverso e de difícil conceituação, por envolver vários fatores e áreas de conhecimento. Para Villela e Arilha (2003) a utilização do termo sexualidade nos espaços públicos é relativamente recente. Está relacionada diretamente ao prazer, desejo e subjetividade de acordo com a cultura e a sociedade na qual o sujeito está inserido.

O tema foi escolhido a partir da reflexão de alguns fragmentos de falas das personagens da peça “BUMM¹”, onde quatro mulheres de diferentes culturas e idades abordam questões que envolvem a sexualidade feminina.

Apesar de o mundo ter evoluído em diferentes aspectos, a sexualidade ainda não é reconhecida, sofrendo preconceitos e julgamentos, frente as suas manifestações e interdições.

Como hipótese considera-se que após a Revolução Sexual e o lançamento da primeira pílula anticoncepcional nos anos 60, as mulheres passaram a ter mais liberdade de escolha com relação a ter filhos ou não. O sexo passa a não ter conotação apenas de reprodução, mas de prazer. Porém, a sexualidade ainda é vista como um tabu, pois ao mesmo tempo em que há liberdade de manifestação, existe também a interdição. A liberdade representada pela diversidade sexual, e a interdição regida pelas religiões e pelas crenças sociais, contribuem para que a sexualidade seja ainda um tema tabu.

¹ Peça foi exibida no Festival de Teatro de Curitiba de 2017. Com direção de Inês Peixoto. Uma explosão, quatro mulheres confinadas numa sala. Quatro sobreviventes de um atentado suicida? Quatro remanescentes de um mundo em extinção atômica? BUMM confronta a mistura de nossas pequenas certezas, crenças e convicções com um mundo que ainda insiste em nos retirar tudo o que nos torna humanos.

Este artigo tem por objetivo identificar as formas de expressão da sexualidade de acordo com suas manifestações e interdições. Para tanto se pretende descrever elementos com relação à sociedade contemporânea, bem como percorrer a história da sexualidade e relacionar esses fatores com a peça BUMM. Para tanto, parte-se da seguinte questão: como é possível identificar formas de expressar a sexualidade, seja através da manifestação, interdição ou transgressão?

MATERIAL E MÉTODO

Foi realizada análise de fragmentos das falas das personagens da peça BUMM, a partir de referenciais teóricos, que envolvem o estudo das diversas expressões da sexualidade e gênero principalmente no que se refere às formas de suas manifestações e suas interdições.

A SEXUALIDADE E SUA INTERFACE COM A ATUALIDADE

Para Guimarães (2007), o consumo e a comunicação em massa tornam-se alvos de busca de satisfação imediata das pessoas, pois são instigadas a consumir de maneira exagerada, isto é, o prazer é posto como primordial, não havendo preocupações ou cuidados com o futuro.

O estado do bem-estar social, a mitologia do consumo, a contracultura, a emancipação dos costumes, a revolução sexual, todos esses fenômenos, conseguiram remover o sentido do trágico-histórico ao instaurarem uma consciência mais otimista que pessimista, um *Zeitgeist* denominado pela despreocupação com o futuro, compondo um *Carpe Diem* simultaneamente contestador e consumista (LIPOVETSKY, 2004, p. 62).

De acordo com Lipovetsky (2004), a sociedade pós-moderna é caracterizada pela ampliação do consumo, da comunicação de massa, do afrouxamento das normas, da individualização, bem como demais aspectos emergentes da cultura. Destacando que a revolução da informática e a globalização neoliberal são fatores que contribuíram para aumento da velocidade das informações, criando nas pessoas e na sociedade a necessidade de que as coisas são urgentes e imediatas.

Guimarães (2007) expõe ainda que, em uma sociedade liberal há também pontos positivos: como a fluidez, o movimento, a flexibilidade. Logo, as estruturas tradicionais e ideológicas passam a se reorganizar a partir da necessidade de consumo descomedido.

Conforme Bauman (2004) na sociedade atual, não é apenas o consumo ou as necessidades que se tornam mais rápidas. É possível também fazer a relação com o amor e a sexualidade, uma vez que as relações se tornam flexíveis e frágeis. Desse modo o autor enfatiza a liquidez do mundo moderno, o consumo e a rapidez com que tudo acontece, a necessidade do imediato, do instantâneo, sem que haja esforço.

É na década de 1960, que os padrões familiares começam a tomar diferentes formas. Nesse momento, a mulher passa a frequentar e a fazer parte dos espaços públicos, o que altera os modelos de identidade masculina e feminina, bem como os casamentos e a própria família. Com isso, os valores e práticas patriarcais, passam a ser questionados. Tais mudanças desencadeiam questionamentos, com relação a diferenças, direitos e deveres, heterogeneidade e o surgimento de desigualdades. Bem como, maior flexibilidade nas relações afetivas e sexuais, deixando assim de corresponder regras e padrões estabelecidos anteriormente (GUIMARÃES, 2007).

De acordo com Bruns e Almeida (2004), há o surgimento da “nova mulher”, que passa a se inserir no espaço público, no mercado de trabalho, busca independência financeira e política, além do direito de uma independência e prazer sexual. Deixa de estar restrita aos domínios do lar, aos cuidados do marido e dos filhos. Mas, essa nova mulher, enfrenta o conflito entre os novos e antigos valores e papéis que eram impostos a si. A independência é confundida com estar sempre disponível sexualmente, não sendo percebida como uma questão de escolha.

Afinal, essa mulher competitiva, participante ativa do logus masculino de nossa sociedade, pode ser percebida almejando um relacionamento amoroso cujo processo de construção descarta a descontinuidade, a impessoalidade e a coisificação das relações. Essa atitude de buscar a continuidade no relacionamento amoroso pode parecer aos olhos daqueles menos atentos uma postura não condizente ao lugar que alguns setores da sociedade vêm atribuindo,

atualmente, a essa moderna mulher, ou seja, o de estar sempre disponível sexualmente (BRUNS; ALMEIDA, 2004, p.16).

Conforme Guimarães (2007) a liberdade e independência que a mulher atingiu, podem ser caracterizadas por uma ilusão. Ao considerar o contexto social, existe uma “escravização” da mulher, isto é, já que a mulher se tornou independente financeiramente e sexualmente, ela tem a obrigação de dar conta de tudo. A mulher deixa de ser “escrava” do casamento e passa a ser escravizada pela sociedade de consumo, que impõe regras a todo o momento, com uma exacerbada velocidade, isto pode ser observado nas relações amorosas, através de relacionamentos rápidos, que visam a não continuidade, dando desse modo a ilusão de que é assim que a felicidade será alcançada.

Para Foucault (1999), todas as pessoas têm uma imensa curiosidade pelo sexo, por isso se questionam sobre ele e inventam tudo que possam forçar sua descrição, como se fosse essencial tirar de nós mesmos, não somente prazer, mas saber de todo um jogo sutil que passa de um para o outro. O ocidente conseguiu anexar o sexo a um campo de racionalidade e nos colocar como inteiros de corpo e alma, individualidade e história, sob a lógica de prazeres e desejo.

Não te aproximes não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que nada mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com a alternativa entre duas inexistências (FOUCAULT, 1999, p. 80).

De acordo com Villela e Arilha (2003), nos últimos três séculos, mudou-se o modo de interpretar a existências de machos e fêmeas humanos. Nas culturas ocidentais, por mais de dois mil anos o entendimento de humano, era representado por homens e as mulheres modos intermediários entre humano e animal. A partir do Século XVIII, as mulheres passam a ser consideradas como

seres humanos, embora, ainda existam diferenças, não apenas corporais, mas de caráter e personalidade entre os sexos.

Segundo Marola, Sanches e Cardoso (2011), na antiguidade Greco-Romana, meados do século VIII a.C. a sexualidade era vivenciada de maneira livre, não se fazia referência ao pecado e nem a moral, o sexo era tanto para prazer, quanto para reprodução. Buscando profundos sentimentos de amor, bem como prazer sexual e sensualidade. Com a ascensão do Cristianismo no século I, inicia-se a construção de uma moralidade constante, através da castidade ou do casamento, que reforça a recusa do prazer sexual, reduzindo as práticas sexuais limitando-as apenas para a reprodução.

No decorrer do século XX, a perspectiva de subjetividade, desejo, modo de ser, de dar e obter prazer toma força, não necessariamente na relação direta com a existência dos órgãos genitais, tão pouco com a finalidade da reprodução, logo “a anatomia, deixa de ser um destino, tanto quanto a sexualidade deixa definitivamente de se referir a atos privados para se explicitar como prática social, inclusive no âmbito das políticas públicas” (VILLELA; ARILHA, 2003, p. 96).

Araújo (2002) aponta que, o amor e o casamento passaram a ter relação a partir do século XVIII, e a sexualidade toma um lugar relevante dentro do casamento. O amor moderno, no sentido de ser consensual, partir de escolha e paixão, não existia no casamento, geralmente era vivido em relações de adultério. Sendo que o sexo não era vivenciado por prazer, sua função era voltada para a reprodução. Até a idade média os laços matrimoniais ocorriam por arranjos econômicos e políticos, onde os pais cuidavam do casamento dos filhos. Sua principal função era a união entre as famílias, que se sobrepunham ao amor e a sexualidade, logo, a paixão não era relevante e a sexualidade era apenas para fortalecer a aliança através da reprodução.

De acordo com Salles e Ceccarelli (2014), a sociedade contemporânea, segue um novo formato com relação a moral sexual, partindo dos princípios das leis do mercado da sociedade globalizada e consumista. Consideram a sociedade individualista, narcisista, com prevalência no culto da imagem e consumo exagerado e descartável. Enaltecendo o excesso de

ofertas e possibilidades de uso e descarte rápido, tanto nos planos materiais quanto afetivos. Portanto, ao invés de reprimir a sexualidade, atualmente a moral sexual, exige o gozo e o sucesso sexual, o que gera complicações e conflitos, diante das proibições e restrições antigas.

A SEXUALIDADE E SUA FUNÇÃO SOCIAL

Para Foucault (1999) sexualidade é o nome que se dá a um dispositivo histórico, frente à estimulação superficial do corpo, intensificação do prazer, incitação de discurso, formação de conhecimentos, reforços de controle e resistências, que se entrelaçam uns nos outros, seguindo estratégias de saber e poder. Diante dos escritos de Foucault, a sexualidade é uma construção histórica, que se estrutura a partir da articulação do saber com o poder, estando ligado ao prazer.

De acordo com Ferreirinha e Raitz (2010) para Foucault o tema poder não se localiza em instituição, ou algo que possa ser cedido, por contratos jurídicos ou políticos. O poder reprime, mas é capaz de produzir efeitos de saber e verdade.

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos (FOUCAULT, 1979, p. 182).

Para Saddi (2011) a sexualidade está diretamente ligada ao erotismo, à imaginação, a encenação e as palavras, sendo esses elementos de grande valia. Porém, a transgressão é condensada e contraposta, ao permitido e o proibido. O efeito erótico provém da união do permitido e do proibido, superando assim a interdição pela transgressão.

Essa supervalorização sexual é a origem do estado peculiar de uma pessoa apaixonada, um estado que sugere uma compulsão neurótica, cuja origem, pode, portanto, ser encontrada num empobrecimento do ego em relação à libido em favor do objeto amoroso (FREUD, 1914/1980, p. 105).

A paixão torna os indivíduos dóceis, pois significa submissão ao objeto de amor, contudo Freud (1914/1980, p. 118), aponta que:

O estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões. Exalta o objeto sexual transformando num ideal sexual. Visto que, com o tipo objetual (ou tipo de ligação), o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizado.

De acordo com Saddi (2001), o amor permite livremente a entrada no mundo do interdito, os parceiros sentem prazer, que nunca imaginaram sentir, caso não estivessem juntos, os atos sexuais, não são vistos nem sentidos como obscenos. O amor libera o profano e permite utilizar de erotismo sem medo, através da cumplicidade, ou seja, quando é visto com amor tudo é permitido, é protegido.

Araújo (2002) aponta que, na antiguidade o amor foi expulso do casamento, ocupando assim seu lugar nas relações ilícitas, através da estilização de cavaleiros, poetas e trovadores, que viviam intensamente.

Para Guimarães (2007), a transgressão pode gerar satisfação e prazer, demandando certa atenção e manifestação de afeto, além da busca por algo que gere no indivíduo, sentimentos de felicidade e conquista.

Portanto, de acordo com os autores a sexualidade é uma construção histórica, e tem relação direta com o amor, o prazer e a satisfação, o que reflete na manifestação, vista como transgressão dos padrões sociais.

ANÁLISE DE FRAGMENTOS DA PEÇA BUMM

A peça escolhida foi “BUMM”, direção de Inês Peixoto. Foi encenada no Ave Lola Espaço de Criação, em 31 de março de 2017, às 20h, com duração de 1 hora.

A peça, conta a história de uma explosão, que faz com que quatro mulheres acabem confinadas numa sala. BUUM é um depoimento franco de um coletivo, que se fala através do teatro. Hoje, aqui, agora, em pleno século

XXI, diante da velocidade e da precariedade da vida, no presente momento da história.

A peça inicia com o palco vazio e escuro. Barulhos de trem, sirene e pessoas gritando a todo o momento, e em diferentes momentos luzes acendem. Então, entram quatro mulheres dispostas pelo palco, uma branca, uma judaica, uma criança e uma mexicana, todas falavam ao mesmo tempo, frases e palavras desconexas, sem contexto, como: “onde está minha filha”, “calcinha”, “cadê a minha mãe?” e “o meu gato”.

Após um apagão e um “BUMM”, as luzes se acendem e as quatro mulheres aparecem entrelaçadas no chão, com dificuldade em se desvencilharem. Começam a perceber seu estado, enquanto uma quer sair do enlace, outra questiona como sair, a criança diz que é melhor esperar e ficar como estão então a mexicana orienta as demais do que fazer e então conseguem se soltar.

Ao se soltarem passam a se perceber umas às outras, todas estão sujas, com roupas rasgadas, machucadas e duas sem cabelos, falam que estão cheirando queimado, e não sabem dizer, onde estão, nem como chegaram onde estão. No decorrer da peça, contam fragmentos das suas vidas, bem como segredos.

A Prostituta

A primeira uma mulher branca, revela que foi prostituta e ao engravidar de um índio, casou e foi viver na tribo. *“Lá na tribo todo mundo é mãe, todo mundo é pai, eu sou casada, mas eu ainda dormia com vários homens na tribo, lá todo mundo é mãe, todo mundo é pai, todo mundo vive junto” (sic)*, fala da filha com muito amor e preocupação, por não saber se está sendo cuidada.

De acordo com Del Priore (2006) quando uma mulher rejeita seu destino para viver pelo prazer, assim como as prostitutas, gera muitas humilhações, são acusadas de serem maus exemplos, de não serem “moças de família”, pois não fazem o papel da “Maria”, mas o papel da “Eva”, da pecadora.

Guimarães (2007) aponta que, a prostituição pode ser vista como uma maneira de busca por diversão e envolvimento, colocando seu próprio prazer em voga. Os escritos do autor elucidam a personagem, que se torna prostituta e após engravidar de um índio, se muda para a tribo com ele, mas permanece se relacionando sexualmente com os demais homens da tribo.

A prostituição permite, para algumas outras, uma sociabilidade com os clientes na qual há diversão e lazer, além da 'liberdade e autonomia' declaradas nos seus modos de agir. Também a descrição de fatos do cotidiano da prostituição mostrou vários exemplos de atividades que envolvem sentimentos de alegria, prazer, solidariedade e diversão (MARTIN, 2003, p. 181).

A prostituição pode ser entendida, como uma maneira de troca, seja econômica, seja sexual, ultrapassando a si mesma, considerando que nesse universo são constituídas identidades e relações sociais. Existindo a imersão de valores de ordem econômica, mas também valores afetivos. Visto que, muitas vezes a profissional do sexo, não é procurada para a prática sexual, muitos clientes as buscam para conversar, desabafar e expor questões relacionadas à família, emprego ou a sua própria masculinidade, ou seja, o envolvimento não se dá apenas pelo financeiro, mas afetivo e prazer (BURBULHAN; GUIMARÃES; BRUNS, 2012).

A Homossexual

A segunda, uma mulher mexicana, homossexual, que havia tido uma briga com a namorada antes de uma viagem, revela ser “louca” por sexo, não gostar de crianças e já ter realizado três abortos.

De acordo com Foucault (1999) a sexualidade humana é manifestada através de padrões culturais instaurados, determinados pela família e reforçados pela sociedade. No decorrer da história, a sexualidade foi vivida e experienciada por culturas e períodos de abertura sexual, bem como intercalados por períodos de recato e escassez. Logo, quando a personagem revela ser homossexual e “louca” por sexo, sofre preconceito por parte de uma das personagens, em contrapartida é aceita pelas demais, isso corrobora com

o que o autor aponta, de que a vivência ou a privação tem relação direta com questões culturais.

O segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo — quer tentem quebrá-lo quer o reproduzam de forma obscura, pela própria maneira de falar. Trata-se, ao contrário, de um tema que faz parte da própria mecânica dessas incitações: maneira de dar forma à exigência de falar, fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre o sexo. O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo (FOUCAULT, 1999, p. 36).

Segundo Oliveira (2004), durante anos, a maioria dos homossexuais escondem a sua orientação sexual, devido ao medo da reação dos amigos, dos familiares e até mesmo por não se sentirem bem com isso. Afinal, a nossa educação e cultura está voltada para a heterossexualidade. Os jovens crescem com um sentimento de homofobia, sem saber o motivo de existir em suas vidas. A única explicação que recebem é que, os homens devem gostar de mulheres, e as mulheres de homens, aquilo que contradizer isso, não é permitido. A mulher historicamente é vista como quem deve ser do privado, não tendo a possibilidade de realizar escolhas, aos poucos ela conquista espaço no contexto público, e pode tomar suas decisões, ainda enfrentando grande preconceito.

A Menina

A criança relata que todo seu povo foi morto, “eu fiquei três dias me fingindo de morta” (sic). Sente muita falta da mãe, canta com frequência durante a peça, dizendo que a mãe cantava, então é uma maneira de estar próxima a ela. Revela que o irmão da sua mãe pedia para que pegasse no “*blaw blaw*” dele, e que não tinha coragem de contar para sua mãe.

Felipe (2006) aponta que o incesto, é uma das formas de pedofilia, que remete a problematização de relações de poder, entre adultos e criança, sendo desse modo desigual. Geralmente, as crianças são tocadas de maneira que promovam o prazer do abusador, não tendo escolha frente ao adulto. Seja ele

pai, avô, mãe ou tio, como era o caso da personagem, que revela durante a peça que o irmão da mãe pedia que ela pegasse no “*blaw blaw*”. É comum que as crianças, sejam colocadas em uma posição de subordinação.

De acordo com Pimentel e Araújo (2006), o incesto está inserido na categoria de abuso sexual. Sendo que, o abuso sexual é definido pelo envolvimento sexual imaturo, pois o envolvido não tem capacidade para consentir ou não, logo são violados pelas pessoas que exercem papéis familiares. Desta maneira estabelecendo uma relação de poder ou controle entre agressor e vítima. Portanto, o incesto é qualquer relação de cunho sexual, entre um adulto e uma criança ou adolescente, ou entre uma criança e um adolescente, quando há laços familiares, seja direto ou não, e até mesmo quando existe uma mera relação de responsabilidade. O agressor tem relação de responsabilidade legal com a criança.

Dacorso (2009) aponta que, nas famílias em que ocorrem situações de incesto, há um funcionamento padrão. Geralmente, se isolam socialmente. O “de fora” não é bem-vindo, pois é desconhecido e provoca angustia, se supõem que os ritos, as leis, as funções e os papéis, serão denunciados dos envolvidos. Não existe limite psíquico, tão pouco corporal.

Para Florentino (2015), o incesto é uma das diversas maneiras de abuso sexual, sendo que tal ato, geralmente causa serias consequências em nível psíquico. Sendo extremamente prejudiciais ao desenvolvimento das vítimas. Vale ressaltar que, além de provocar sérios danos, o abuso sexual e psicológico, é em primeiro lugar uma violação aos direitos humanos, pois não escolhe cor, raça, credo, etnia, sexo ou idade para acontecer.

Os sintomas atingem todas as esferas de atividades, podendo ser simbolicamente a concretização, ao nível do corpo e do comportamento, daquilo que a criança ou o adolescente sofreu. Ao passar por uma experiência de violação de seu próprio corpo, elas reagem de forma somática independentemente de sua idade, uma vez que sensações novas foram despertadas e não puderam ser integradas (PRADO, 2004, p. 64).

O incesto é fator de risco para o surgimento de psicopatologias graves e prejudica o desenvolvimento psíquico, afetivo e social da vítima. As sequelas

do abuso na infância podem ser manifestadas de diversas formas, e em qualquer idade da vida da vítima. Para o autor, as consequências ou o grau de austeridade dos efeitos do abuso, podem variar de acordo com as condições e predeterminações de cada indivíduo (FURNISS, 1993).

A Virgem Solitária

Por fim, a judia, uma mulher que vivia sozinha com um gato, religiosa. Apresenta grande preocupação com a sua morte, dizendo que por ser sozinha não teria ninguém para alimentar seu gato, nem cobrir os espelhos na sua morte. Revela ainda que comeu carne de porco com um rapaz durante a faculdade e que ainda é virgem, demonstrando preconceito com as demais.

De acordo com Noleto (2016), alguns grupos religiosos não visam à sexualidade como algo central, aceitando e valorizando a diversidade sexual. Na peça a personagem judia, tem um pensamento enrijecido com relação à sexualidade e a religião, colocando de certa forma a religião em primeiro lugar, como regente de sua vida.

Souza (2011) considera que para a igreja, a virgindade é uma virtude da alma, refletindo que a abstinência é fundamental, para que se tenha honra frente às pessoas. Na antiguidade, a virgindade é vista como uma virtude da alma frente à igreja, logo, a virgem é vista como reservada, modesta, discreta e com beleza interior refletida no exterior. Sendo que a virgem transmite o brilho e o mistério de maneira doce, não ocupando apenas o imaginário religioso, mas também de médicos, especialistas em teologia moral e autores de literatura erótica, que desejam uma metamorfose, que levaria a transformação de tudo. A virgem é vista como doce, modesta, discreta, além de refletir a beleza no exterior, e o pecado ou a defloração conjugal deixam marcas no corpo. Ela é pura, pois preserva em seu interior, o brilho de um doce mistério.

AS MANIFESTAÇÕES E INTERDIÇÕES DA SEXUALIDADE

Diante dos fragmentos e segredos, expostos pelas personagens todas apresentavam certo preconceito e discriminação com relação à outra. Pois,

cada uma estava inserida em uma cultura diferente da outra, o que leva a pensar que não existe certo nem errado, mas o contexto.

Conforme relatado, a primeira personagem é uma mulher branca que revelou ter sido prostituta e atualmente vivia em uma tribo e continuava dormindo com vários homens. As outras personagens da peça apresentaram indagação sobre esse fato, mas conforme foram conhecendo e deixando os seus paradigmas e mudando eles, finalizaram respeitando ela mesmo assim. A prostituição ainda é vista como uma interdição pela sociedade (GUIMARÃES, 2007).

A interdição e manifestação da segunda personagem, da mulher mexicana é a sua orientação sexual. Quando esta personagem relata isso, as demais demonstram curiosidade e após conversarem, acabaram entendendo e respeitando a sua diferença.

A última personagem é a judia. Por ela ser muito religiosa, ela tem muitas interdições tanto com ela mesma, quanto com as outras pessoas. Ela não pode comer carne de porco, e também como a virgindade que deve ser mantida até o casamento.

Considerando a peça pode-se perceber que a interdição da sexualidade está presente nas quatro personagens. Sendo que na primeira personagem a interdição se manifesta pelo fato de ser prostituta. Na segunda personagem, a interdição permeia o fato de ser homossexual. Já na criança é representada pela situação do incesto. E para última personagem, a judia, a interdição se exalta diante da religião. Vale ressaltar, que há forte preconceito em todas as situações.

CONCLUSAO

Entende-se a construção do artigo como uma oportunidade de contribuir para o entendimento e a interação das várias faces da sexualidade. Vale ressaltar, que sexualidade ainda é um tema tabu na sociedade, pois geralmente é reduzida ao sexo, gerando desconforto nas pessoas. Logo, se vê a importância no tema, a fim de desmistificar e perceber a construção histórica.

Referências

ARAÚJO, M. de F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc. prof.** vol.22 no.2 Brasília June 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>. Acessado em: 09/05/2017.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEARZOTI, P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Neuropediatra**. Aceite: I-agosto-1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24>. Acessado em: 03/04/2017.

BRUNS, M. A. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas: Átomo, 2004.

BURBULHAN, F.; GUIMARÃES, R. M.; BRUNS, M. A. de T. **Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 4 p. 669-677, out./dez. 2012. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v17n4/a13v17n4.pdf>. Acessado em: 20/05/2017.

DACORSO, S. T. de M.E; **Incesto: caminhos e descaminhos frente ao horror**. Estud. psicanal. n.32, Belo Horizonte nov. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100019. Acessado em: 20/05/2017.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006

FELIPE, J. Afinal, quem é mesmo pedófilo? **cadernos pagu** (26), janeiro-junho de 2006: pp.201-223. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf>. Acessado em: 09/05/2017.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **RAP** — Rio de Janeiro 44(2):367-83, MAR./ABR. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>. Acessado em: 31/08/2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade i: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: EDIÇÕES GRAAL, 1999. Disponível em: file:///C:/Users/xy/Downloads/201483_113539_145332835-FOUCAULT-Michel-Historia-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf. Acessado em: 03/04/2017.

FOUCAULT, M. Soberania e Disciplina. *In: Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. *In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Trabalho original publicado em 1914).

FURNISS, T. **Abuso Sexual da Criança: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GUIMARÃES, R. M. Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas. 2007. 257p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos Hipermodernos**, São Paulo, Ed. Barcarolla, 2004.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicol. educ.* no.33 São Paulo dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006. Acessado em: 01/05/2017.

MARTIN, D. **Riscos na Prostituição: Um olhar Antropológico**. São Paulo/FFLCH/USP; FAPESP, 2003.

NOLETO, R. da S. Religião e sexualidade: dilemas contemporâneos brasileiros. **Cad. Pagu** no.46 Campinas Jan./Apr.2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201600460471>. Acessado em: 09/05/2017.

OLIVEIRA, S. R. F. **Homossexualidade**. Universidade de Coimbra. Coimbra/Dez.2004. Disponível em: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2004002.pdf>. Acessado em: 20/05/2017.

PIMENTEL, A.; ARAÚJO, L. da. S. Violência sexual intrafamiliar. Rev. Para. Med.v.20 n.3 Belém set. 2006. Disponível em: http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000300008. Acessado em: 20/05/2017.

PRADO, M. C. C. A. (Org.). **O mosaico da violência**. São Paulo: Vetor, 2004.

SADDI, L. Erotismo: e onde fica o amor? Ide (São Paulo) vol.34 no.52 São Paulo ago. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100020. Acessado em: 09/05/2017.

SALLES, A. C. T. C.; CECCARELLI, P. R. A QUANTAS ANDAM O SEXUAL E A SEXUALIDADE NOS DIAS ATUAIS? In: **Estudos de Psicanálise** – Belo Horizonte – n. 41 – p.23-30 – Julho. 2014. Disponível em: http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=2114. Acessado em: 01/05/2017.

SOUZA, P. S. de. A Influência da Moral Cristã na Sexualidade Ocidental. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acessado em: 20/05/2017.

VILLELA, W. V.; ARILHA, M. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In: BERKUÓ, E. (Org.) **Sexo e vida: Panorama da Saúde reprodutiva no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 95 – 144.